

DESAFIOS DO PROFESSOR: ABORDAGEM DOS ASPECTOS RELACIONAIS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Sílvia Maria de Oliveira Pavão, UNIFRA
Caio Cesar Gomes, UFSM

RESUMO

Este estudo do tipo bibliográfico tem por objetivo discutir a prática dos professores em sala de aula face às repercussões das mudanças pluridimensionais advindas do contexto social, econômico e tecnológico, globalizado. Constatou-se que a atividade pedagógica, especialmente a prática do professor no interior da sala de aula apresenta permanente desafios, constantemente modificados. Concluiu-se que neste cenário pedagógico os seus atores, o professor e o aluno, ainda não sabem claramente como proceder, no palco das instituições de ensino, pois enquanto estas lidam com o concebido e o determinado a ser cumprido, são estes agentes vivos, os proponentes de novas formas de se apresentarem neste teatro. Portanto é a partir da maneira relacional estabelecida por estes atores, que estão surgindo novas maneiras de ensino e mesmo parecendo, não estar ocorrendo alterações nas estruturas institucionais, estas estão diluindo suas tradicionais formas de agir e adentrando neste contexto e inovando as suas sistemáticas de ação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Globalização. Professor.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda os aspectos intrínsecos ao âmbito educativo. A situação de aprender e ensinar implica na organização de um cenário físico, abstrato e relacional. O sentido físico aqui atribuído se deve ao local onde acontecem as aprendizagens e que é denominado de escola, o sentido abstrato, por se fazerem necessárias a construção de vários conteúdos e normas articulados para serem ensinados nas escolas, o que aprendemos a chamar de currículo e por fim relacional por serem pessoas a lidar com esses processos. Pessoas que se propõe a desenvolver outras pessoas. É nesse contexto que ocorre a prática educativa com natureza interdisciplinar, tornando-se necessário “[...] saber lidar com essa natureza epistemológica plural e ao mesmo tempo identificar e consolidar a especificidade do campo educativo [...] (CANDAUI 2000, p. 19)”.

Essa concepção interdisciplinar permeia um mundo em mudanças, as pessoas, no mundo do conhecimento nunca estiveram tão interligadas em função da globalização que altera o mundo que se nos apresenta e a forma como nos relacionamos com ele.

Os principais impactos da globalização atingem a família, os papéis de gênero, a sexualidade, a identidade pessoal e a relação com o conhecimento. Dessa forma, pode-se considerar que também as instituições mudaram e afetam as relações educacionais. Nesse

contexto o objetivo desse estudo do tipo bibliográfico, consistiu em discutir estas características que envolvem a prática dos professores em sala de aula, face às repercussões das mudanças pluridimensionais advindas do contexto social, econômico e tecnológico.

Ainda que sejam largamente considerados e discutidos esses processos de mudanças, parece que a utilização prática desses conceitos e teorias é ainda incipiente. O fato de serem constatados os fatores que intervêm nesses processos não garante a sua plena compreensão, no entanto gera no educador a necessidade de uma discussão permanente, de uma reflexão e apresentação de tais fatores e processos por meio do diálogo, com os atores desse contexto. Como bem aponta Gadotti, sobre a necessidade e a forma de dialogar,

o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem ‘perdido’, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber (1999, p.2).

Com base no que foi exposto, esse artigo apresenta uma discussão teórica sobre três eixos de análise: atividade pedagógica, desafios ao professor e as repercussões das mudanças sociais, econômicas e tecnológicas nas instituições de ensino.

PRÁTICA DO PROFESSOR: DESAFIOS OU PROBLEMAS ENFRENTADOS

A atividade pedagógica implica sempre em um movimento de trocas entre professor, alunos e conteúdos de ensino. A organização do sistema de ensino repercute em uma proposta organizada e apresentada aos alunos. Considerada como a proposta ideal ou apenas inicialmente ideal, a partir da qual decorrem as demais ações educacionais.

Uma aula sempre pode ser bem aproveitada “toda aula, em resumo, seja qual for o objetivo a que vise, e por mais claro, preciso, restrito, que este se apresente, tem sempre uma inelutável repercussão mais ou menos ampla, no comportamento e no pensamento dos alunos” (GRISI, 1971, p.91). Sempre haverá uma reação frente à proposta apresentada e esta permanecerá, pois no caso contemplará as necessidades atuais daqueles que a presenciam ou ocorrerão alterações, o que é mais freqüente. A mobilidade disponível para lidar com a reação é que vai proporcionar o ganho aprendido, tanto por aquele que propõe, como para aqueles que reagem. Sendo o aproveitamento abstraído pelo resultado

ocasionado pela maneira como foi lidado com o produto gerado pelo encontro destes componentes. E, provavelmente o ganho ou a aprendizagem possa ser considerado o produto de tudo isso. Desta forma não existiria uma aula, uma ação pedagógica que não seja interessante ou que de certa forma não ocorra aprendizagem.

Essa dinâmica pode acarretar em desafios despertados aos professores e alunos, agentes envolvidos no processo. No entanto, estes podem ser concebidos como fatores que impulsionam (professor e aluno) a busca de inovações no plano de desenvolvimento pessoal e profissional. Portanto ao se enfatizar os desafios vivenciados pela trajetória profissional como docente, poderia classificá-los em dois tipos: desafios localizados no sujeito e desafios localizados no processo de aprendizagem, que os envolve.

Na primeira condição, observa-se que toda pessoa em processo de aprendizagem enfrenta, de certa forma algo com o que poderia chamar de “dificuldade”, pois aprender é um processo que consiste em abandonar algo, ou romper com alguma coisa, o que resulta em resistência para aprender. A resistência para a aprendizagem pode ser manifestada de diversas formas pelos alunos, desde a falta de pontualidade e frequência as aulas até as dificuldades de associação e compreensão dos conteúdos propostos. Esse é um processo considerado natural do aprender, e, diga-se de passagem, que essa característica da aprendizagem é extemporânea, ou seja, se enfrentava no passado como também se enfrenta atualmente.

Na segunda condição, estariam os desafios localizados no processo, o que implica uma avaliação dos métodos de ensino, dos recursos, do programa da disciplina (conteúdos), do professor e toda série de questões institucionais presentes. Nesse caso, sabe-se que em muitas vezes um professor tem um programa de ensino a cumprir, esse programa nem sempre vem ao encontro dos interesses e objetivos do alunado, ou nem sempre é bem compreendido por eles, o que os leva, muitas vezes, a aceitar o conteúdo como mais uma tarefa acadêmica sem significado para sua vida prática. Um problema ou um desafio? O professor, sempre está integrado com o plano curricular do curso, ou nível de ensino, e por isso ele não tem autonomia para mudar conteúdos e em alguns casos o seu método de ensino, pois está comprometido com uma proposta de ensino. Isto quer dizer, um plano de currículo envolve: outras disciplinas, outros professores, a filosofia da instituição, os

objetivos do curso ou nível de ensino. Dessa forma, o professor assume um compromisso que não pode ser rompido, essa é sua função como profissional da educação.

Diante desse contexto profissional do professor, os desafios junto aos alunos podem se avolumar, pois a uma negativa do professor, como por exemplo: não ter uma aula, trocar ou não fazer provas – o aluno poderá entender como rigidez do professor. E, o professor por seu lado está a cumprir com sua função docente. Sublinhe-se que, esses desafios aconteciam e continuam acontecendo.

Ainda é necessário destacar em termos de mudanças ou dificuldades enfrentadas na docência, e que vem a incrementar o conteúdo acima exposto, a inigualável revolução tecnológica que, seguramente deu outra face ao ensino e a aprendizagem. Hoje com o auxílio das novas tecnologias de comunicação e informação o espaço da sala de aula e a relação de aprendizagem assumiram características diferentes. Surgiram assim facilidades, e também novos desafios aliados a essas inovações tecnológicas. Daí a importância de o professor resignificar a sua prática docente, revisar suas concepções, pois está sempre a influenciar os alunos, seja qual for sua prática.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Nessa questão relacionada ao redimensionamento da prática docente, existem hoje muitas facilidades para professores e alunos. Exemplo disso é a facilidade na comunicação (acesso aos meios de informação e comunicação), a ênfase na pesquisa, no acesso às fontes de saber e conhecimento, que são fatores que modificam a característica da aula. Para Leite (2003, p. 19) na “aula do futuro” os professores deverão trabalhar o conhecimento “na medida da experimentação, mais aberto, com maior flexibilidade, a partir da seleção feita por um docente mediador e um aluno gestor de seus conhecimentos [...]”. Além disso, deve se levar em consideração a dimensão afetiva da aprendizagem, sem a qual, torna-se difícil a assimilação de novos conhecimentos. Tal abordagem foi descrita por Libâneo ao sugerir que “o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos” (1994, p.250).

Assim, pode-se constatar que os desafios do professor, são de ontem e são de hoje, mas sempre podem ser resignificados pelo professor, que de posse de um saber que o permite compreender a condição do ensino, sabe contextualizar em suas bases sociais e políticas, reconhecendo as mudanças e a demanda existente.

A aula depende em grande medida do tratamento que ocorre entre professores e alunos, seja considerando a assimetria a simetria, a verticalidade a horizontalidade, desses determinantes de tratamento resultam a disciplina/indisciplina, interesse/desinteresse. Isso se relaciona com o que Freire acentuou “[...] o bom professor é o que consegue enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio [...]” (1996, p.96).

A disponibilidade do conhecimento, proporcionados pelas inovações tecnológicas e, a compreensível preferência aos meios eletrônicos, à sala de aula, pelos alunos, faz emergir no professor, sentimentos de menos valia, pois estruturou toda a sua formação em uma área do conhecimento, para transmitir-lhes. Em sala de aula percebe-se superado pela facilidade com que os alunos acessam aos mesmos conhecimentos que possui. É nesse momento, provavelmente, que se intensificam as dimensões afetivas do ensinar e aprender, exigindo do professor o bom senso para entender, que em sendo professor, deve favorecer em si mesmo o “cultivo da humildade e da tolerância” (FREIRE, 1996, p. 74).

Contrário a essa atitude passa a ter comportamento formal e por vezes rígido, na tentativa de reagir ao suposto desprezo dos alunos, no entanto sabe que não resolverá a situação.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p.159-60).

O professor no exercício das atividades pedagógicas que lhe são conferidas, como função profissional, enfrenta vários desafios diante das mudanças sociais “[...] nesse mundo instável em que hoje estamos, em produtivo e promissor, se não soubermos proporcionar

uma formação densa e rica que prepare as pessoas para as trajetórias tão díspares, tão imprevistas, que é cada vez mais freqüente que venham a ter” (RIBEIRO, 2003, p.106).

CONCLUSÃO

Torna-se evidente as contradições pedagógicas originárias deste momento de mudanças contínuas. Elas não param de acontecer em todo o momento e nem deixarão de ocorrer. Nosso mundo é sistematicamente dinâmico e onde algum dos integrantes do processo educacional for alterado, todo o mosaico que o caracteriza será alterado apresentando os mais inesperados resultados. No entanto, estes não necessitam ser entendidos apenas como dificuldades, pois desta forma se estaria lamentando a perda das características anteriores e resistindo a aceitar o mundo como ele tem se apresentado. Acelerado, em constantes modificações, desafiador conflituoso, desorganizado e ao mesmo tempo magnífico e interessante. Estas constatações nos fazem perceber, que assim como somos afetados por um mundo que não cessa as suas transformações, as relações pedagógicas também não cessam de ser desafiadas pelas transformações ocorrentes na sua intimidade. Alunos e professores nunca são os mesmos e, em cada um dos encontros que se estabelecem, sejam nas salas de aulas ou em outras dimensões, como em trabalhos científicos, simpósios, congressos ou em atividades laboratoriais, são sempre alterados, mas não danificados.

Da mesma forma ocorre com as influências da globalização. Fazendo uma associação caricata, ela não é Deus, mas é onipresente. Seja em que ambiente for, ela estará sempre lá. Deixou de ser um agente estranho, acompanha todas as atividades humanas. Ela desafia e propõe novas formas de agir e, estes desafios, foram parar nas instituições de ensino, especialmente no interior das salas de aula. Eles removem todos os móveis conceituais, que estavam presentes nas relações entre os dois personagens principais deste palco. O aluno e o professor. Estes, quando entram em sala de aula não reproduzem papéis tradicionais e propõem uma nova peça, em cada ato pedagógico, no entanto, ambos ainda não possuem, de maneira muito clara, qual é o enredo a ser desenvolvido e nem mesmo o conteúdo, que cada qual deve desenvolver.

São os desafios dos tempos atuais. Desafios impregnados de novidades e dentre elas têm se caracterizado a necessidade da modificação relacional. Nem o professor, nem o

aluno e muito menos a instituição sabem claramente como proceder. Enquanto a instituição lida com o concebido, o que está determinado a ser cumprido, os agentes vivos – aluno e professor – propõe novas formas de desenvolver este teatro. Sendo a partir desta maneira relacional que, constantemente, estão surgindo novas maneiras de ensino, mesmo parecendo não estar ocorrendo alterações nas estruturas institucionais, estas estão diluindo suas tradicionais formas de agir e adentrando em novas sistemáticas de ação.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. (Org.) **Reinventar a escola**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M.. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GRISI, R.. **Didática mínima**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

RIBEIRO, R. J. A universidade num ambiente de mudanças. In: QUADROS, C. (Org.) **Trabalho docente na educação superior**: proposições e perspectivas. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2003.